

Benveniste: um talvez *terceiro gesto?*

Marlene Teixeira*

Resumo – As idéias aqui trazidas tecem-se em torno do pressuposto de que formulações de Benveniste sobre o sistema pronominal (eu, tu, ele) e a subjetividade na linguagem subvertem a lógica binária sobre o qual a lingüística se edificou, dando lugar a uma outra lingüística, instituída por princípios unários e trinitários.

Introdução

Kerbrat-Orecchioni (s.d., p. 9-15), no breve panorama com que inicia sua conhecida obra sobre a subjetividade na linguagem, alerta para a ameaça de asfixia que está colocada para a lingüística se ela permanecer obstinada em excluir de seu campo de investigação certos aspectos da linguagem tidos como “pertencentes à *performance*”. Ela utiliza a expressão “lingüística bloqueada” para caracterizar os empreendimentos levados a efeito tanto por influência de Saussure quanto de Chomsky, freqüentemente tidos como os *dois gestos fundadores*¹ que têm marcado a história da lingüística moderna.

Essa lingüística cerceada em seus movimentos, comparada pela autora a uma árvore “que esconde o bosque das realidades da língua em seu funcionamento e em suas disfunções” (ibid., p. 9), quase um século depois de seu aparecimento no cenário da ciência,

* Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada – UNISINOS.

e-mail: marlei@terra.com.br

Para Myriam e Juciane, por me ensinarem a fazer ciência com arte.

¹ Essa posição não é consensual. Muitos conferem somente a Saussure o mérito da instituição da lingüística como ciência. Outros julgam que a lingüística se converte em ciência com o gerativismo. Não é meu propósito tomar partido nessa disputa. Restrinjo meus comentários à lingüística estruturalista. De certo modo, as idéias levantadas neste artigo ampliam e redirecionam aspectos já esboçados em Teixeira (2000, cap. 3).

não tem como escapar da necessidade de repensar seu destino.² Há, de fato, hoje um forte consenso anti-saussuriano e anti-chomskiano; no entanto, segundo Kerbrat-Orecchioni (ibid., p. 15), a lingüística não encontrou ainda seu “terceiro fundador”, isto é, a construção de uma “nova lingüística”, com domínios ampliados, ainda está por ser feita.

A afirmação de Roland Barthes (1978):³ é necessária “uma terceira lingüística cujo campo não seja a mensagem ou o contexto, mas a enunciação”, inspirou-me a buscar no texto de Benveniste elementos para, a título de ensaio, propor sua teoria como esse *terceiro gesto* que Kerbrat-Orecchioni diz faltar.

Começo por pensar a crise da lingüística no quadro mais geral de falência do paradigma de ciência em que ela se instituiu, falência essa decretada pela impotência da racionalidade moderna diante do “mal-estar” contemporâneo. Em seguida, de acordo com Dufour (2000), desenvolvo a idéia de que a lingüística da enunciação transcende a racionalidade típica da ciência moderna, porque repousa sobre princípios não-binários. Sobretudo, procuro sustentar que formulações de Benveniste em torno do sistema pronominal (eu,tu,ele) e da subjetividade na linguagem abalam alguns dos dogmas sobre os quais a lingüística se edificou, representando um movimento na direção de uma nova ordem científica.

1 Linguagem: esse objeto mau⁴

A credibilidade da teoria helicêntrica do movimento dos planetas de Copérnico, das leis de Galileu sobre a queda dos corpos, das leis simples a que Newton reduzia a complexidade da ordem cósmica consagrou um modelo de racionalidade que, pouco a pouco, transbordou do estudo da natureza para o estudo da sociedade. Os grandes cientistas que mapearam o campo teórico em que ainda hoje nos movimentamos promoveram um modo de fazer ciência, fundado na idéia de que os fenômenos tais como se apresentam pertencem ao “reino da complicação, do acidente”, sendo necessário “livrá-los” de suas qualidades intrínsecas para instituí-los como objeto de pesquisa (Santos, 2002, p. 15).

² A abertura da lingüística ao diálogo com outros saberes integra as reflexões teóricas realizadas na pesquisa “O adolescente em situação de primeiro emprego: da produção da experiência à elaboração subjetiva” por mim coordenada (Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada – UNISINOS).

³ BARTHES, Roland. “Préface”. In: FLAHAULT, François. *La parole intermédiaire*. Paris: Seuil, 1978, p. 7-10. Citado em KERBRAT-ORECCHIONI (s.d., p. 15, nota de rodapé n. 8).

⁴ A expressão é de Culioli (1990).

Nada mais natural, então, que Saussure tenha submetido o fenômeno “heteróclito” *linguagem* a uma redução para, de modo legítimo, de acordo com a época, fazê-lo aceder ao estatuto de objeto científico.⁵ O corte (língua/fala) efetuado por ele mostra que, na luta de prestígio entre *trindade* e *binariedade*⁶ (Dufour, 2000), a trindade perdeu. No centro da doutrina de Saussure, encontra-se o “princípio binário de dualidades opostas”⁷ (ibid., p. 116). Em outras palavras, a lingüística surge no campo da ciência assentada numa lógica binária.

São indiscutíveis os avanços trazidos por Saussure para o campo da lingüística, sua espantosa irradiação no meio acadêmico, inspirando as ciências humanas a criarem métodos específicos para si próprias, capazes de levá-las às leis dos fatos humanos com maior rigor e objetividade.⁸ O fato de considerarmos, como Pavel (1990, p. 10), que a *virada lingüística* foi um dos elementos intelectuais mais importantes do século XX, não deve, entretanto, cegarnos em relação ao que pode estar se anunciando como a *próxima virada*. Talvez tenha chegado o momento de autorizar o pensamento a deixar o “caminho batido, se desembaraçar da órbita, se aventurar no inaudito e no não-saber” (Pavel, 1990, p. 25).

Ganhou-se rigor com o gesto que coloca a lingüística no âmbito das ciências de prestígio, mas não sem perdas. O conhecimento sobre a estrutura da língua produzido pela lingüística, assentado na redução da complexidade do fenômeno *linguagem*, baseado na formulação de leis, à luz de regularidades observadas, que privilegia o “como funciona das coisas em detrimento de qual o agente ou qual o fim das coisas” (Santos, 2002, p. 17), soa hoje – um século depois – como um *conhecimento desencantado*, que *reprime a pergunta pelo valor humano do afã científico* que vem concebendo (ibid., p. 33). De fato, a idéia de “fronteiras ostensivas e ostensiva-

⁵ No que diz respeito a Chomsky, Bernárdez (1995, p. 18) diz que a tentativa do lingüista americano foi criar uma ciência da linguagem que pudesse “olhar na cara” das ciências reconhecidas como tais. Bernárdez considera o gerativismo como o exemplo mais sistemático do método científico *standard* (ibid., p. 13).

⁶ Dufour (2002) usa o termo *binariedade* para nomear o modo de fazer ciência que substitui as clássicas análises causais.

⁷ Oposição entre o som e o sentido, oposição entre a língua e a fala, oposição entre o indivíduo e a sociedade, etc.

⁸ Se é possível identificar seus limites é exatamente porque foi grande o avanço no conhecimento propiciado pela lingüística estruturalista. Segundo Dufour (2000, p. 33), “é preciso fazer-se ‘binário’ até a raiz dos cabelos, até enfim encontrar a pista, as pegadas da coisa que escapa à ‘binariedade’”.

mente policiadas” (Santos, 2002, p. 10) fez da lingüística uma disciplina solitária⁹.

A esse respeito, é interessante trazer a afirmação “A lingüística não serve para nada” feita por A. Meillet¹⁰ diante da pergunta “Para que serve a lingüística?”. Culioli (1990, p. 13) comenta que essa resposta reflete o estado de espírito próprio aos lingüistas de desconfiarem de todo empreendimento utilitário. E acrescenta: em nossa época, está se tornando difícil pertencer a uma comunidade que reivindica a pesquisa gratuita. Parece não haver mais espaço para um saber que, em função de seu isolamento, posiciona-se como auto-suficiente e auto-contemplativo. Como afirma Santos (2002, p. 30):

Chegamos ao final do século XX possuídos pelo desejo de complementarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento que temos das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios. (Grifo meu)

É um mundo *perturbado e conturbado* que a nós se apresenta, “diante do qual nossos instrumentos interpretativos ficam bem aquém da agudeza dos acontecimentos” (Birman, 2001, p. 15). Está colocada a necessidade de descobrir “categorias de inteligibilidade globais, conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade” (Santos, 2002, p. 45). Reatualizam-se questões colocadas por Rousseau há 200 anos: qual o papel do conhecimento científico acumulado para o enriquecimento prático de nossas vidas? qual o contributo positivo da ciência para a nossa felicidade?

São as ciências físico-naturais que sinalizam o colapso do paradigma dominante. Vivemos um período de revolução científica que se iniciou com Einstein¹¹ e a mecânica quântica¹² e não se sabe ainda quando acabará (ibid., p. 23-25). A teoria das estruturas dissipativas e o princípio da “ordem através das flutuações” do físico-químico Prigogine “ilumina e valida a dialética entre ordem e de-

sordem”¹³ (Schnitman, 1996, p. 13); o teorema da incompletude de Gödel¹⁴ vem mostrar que o rigor da matemática carece ele próprio de fundamento (Santos, 2002, p. 26-27).

A lingüística não deixa de sentir os efeitos do impacto da realidade sobre o modelo hegemônico de racionalidade. Na verdade, a purificação dos fenômenos de todos os elementos “perturbadores”, indispensável do ponto de vista das ciências da natureza, sempre foi bem difícil de ser operacionalizável na lingüística, sendo lugar de muitas objeções e numerosas reticências. Passado o tempo em que desfrutava do *status* de ciência piloto, a lingüística passou a se reconhecer mal como uma ciência cujo objeto foi amputado de seus aspectos transcendentais (filosóficos, psicológicos, sociológicos, históricos, etc.) e freqüentemente vem sendo solicitada a se “explicar” diante do que ela própria colocou como limite insuperável para o saber que desejava instituir. Isso a levou a fraturar-se internamente na tentativa de olhar mais amplamente para o fenômeno *linguagem*. Criaram-se novas disciplinas (a psicolingüística, a sociolingüística, a etnolingüística, a lingüística do texto/discurso, etc.) para contemplar o que havia sido deixado fora pelo empreendimento inicial.

Pode-se dizer, então, que convivem hoje no âmbito do que se chama *lingüística*: (1) uma vertente mais diretamente vinculada à epistemologia e à metodologia positivistas, interessada na produção de conhecimento objetivo e explicativo, que avança pela especialização e é tanto mais rigoroso quanto mais restrito é o objeto sobre o qual incide; e (2) uma vertente de declarada vocação anti-positivista – seja ela de natureza interacionista, hermenêutica ou pragmática – que prefere métodos qualitativos aos quantitativos, com vistas à obtenção de conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo.

A fragmentação da lingüística em disciplinas¹⁵, típica dessa segunda vertente, representa um sinal de crise e contém já alguns dos componentes da transição para um outro paradigma científico.

⁹ Não posso deixar de referir que a necessidade de repensar os destinos da lingüística no *aqui e agora* da experiência humana colocou-se para mim de forma mais contundente desde a leitura de *Mal-estar na atualidade*, obra em que Birman (2001) discorre sobre a crise da psicanálise, remetendo-a à impotência da comunidade psicanalítica em lidar com o desconforto típico *dessa nova cartografia do social*. O autor defende, de maneira vigorosa, que repensar alguns de seus fundamentos é a única maneira de a psicanálise continuar sensível aos desafios que a ela se colocam hoje em dia.

¹⁰ Citado em Culioli (1990, p. 13).

¹¹ Einstein relativizou o rigor das leis de Newton no domínio da astrofísica.

¹² A mecânica quântica demonstra que “não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, e a tal ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que entrou” (Santos, 2002, p. 25).

¹³ Prigogine explica a evolução de sistemas que funcionam nas margens da estabilidade por flutuações de energia, nunca inteiramente previsíveis. Essas flutuações pressionam o sistema para além de um limite máximo de instabilidade e o conduzem a um novo estado macroscópico (Santos, 2002, p. 27-28).

¹⁴ O famoso teorema da incompletude de Gödel é uma constatação da exclusão do unário, conforme Dufour (2000, p. 45). O unário é fundamentalmente um questionamento do conceito de causa (simples ou estrutural), principal operador do pensamento binário que estrutura o saber na concepção hegemônica de ciência (ibid., p. 48).

¹⁵ Culioli (1990) se pergunta se de fato estamos diante de disciplinas ou de setores de pesquisa.

No entanto, as medidas para corrigir os males da parcialização do conhecimento e do reducionismo arbitrário acabam por reproduzi-los de outra maneira. A lingüística cortada em fatias continua a parcializar o conhecimento, seja dirigindo o olhar para os aspectos lingüísticos do “tecido social”, seja dedicando-se a descobrir os estados mentais representados pelos fatos lingüísticos, o que parece revelar que não há solução para o problema no âmbito do paradigma dominante.

Se é verdade que vivemos uma crise *não só profunda como irreversível* (Santos, 2002, p. 23), os movimentos na direção de um outro modo de fazer ciência são ainda difusos e indecisos. No que diz respeito à lingüística, talvez se possa encontrar um sinal do que está por vir tomando-se o que *sobrou* do gesto estruturalista de instituição da ciência.

2 O que não se pôde dizer

Flores (1999) discute o gesto de instituição da lingüística como ciência, sugerindo que os elementos *recalcados* para constituir seu objeto a ele retornam, pois só ali têm existência. Em sua concepção, é impossível circunscrever o objeto da lingüística saussuriana ao estrito domínio do Um (da totalidade), pois *isso* que é da ordem do Não-Um tem existência lingüística, e, sem cessar, insiste na estrutura, demandando explicação.

Para transcender os limites impostos pela tradição fundada no princípio de imanência, o autor não nega a idéia de estrutura oriunda do pensamento suassuriano.¹⁶ Seu movimento é o de deslocar a teoria de Benveniste, reinterpretada a partir do conceito lacaniano de *lalangue*, para propor um objeto da lingüística que suporte “aquilo que tradicionalmente foi relegado à exterioridade da ciência” (ibid., p. 160).

Dufour (2000) também se detém no que *não se pôde dizer* para fundar a lingüística como ciência de acordo com o modelo binário em que se estrutura o saber hegemônico. Na sua interpretação, isso que *exorbita* a constituição do objeto da lingüística está contido, em ausência, no que ele chama de “caixa preta” do estruturalismo.

O autor considera o estruturalismo como uma tentativa radical de tornar inteligíveis os campos mais obscuros e profundos do Homem, *uma vanguarda do binarismo* nas Ciências Humanas (ibid., p. 28).¹⁷ *A pequena alavanca da estrutura* fez milagres com a ajuda de um operador de formato binário, que punha tudo em ordem, que tudo tornava sistema, isto é, redes binárias inteligíveis: a literatura, a economia política, os sistemas de parentesco mais complicados, os relatos mais contraditórios e mais profusos, as profundezas sem fim da psique, a organização e a genealogia de nossos discursos (ibid., p. 29).

Na interpretação de Dufour (ibid., p. 23), se o estruturalismo *binarizou o campo do homem*, foi também antibinário, mesmo sem o saber, isso porque basta omitir a *trindade* para que ela volte a se propor:

[...] se a *trindade* assombra nossas ciências da linguagem, é *simplesmente* porque ela se aloja na *nossa própria língua*. Em uma palavra, digo agora que a língua natural, aquela que você e eu falamos todos os dias, é habitada pela *trindade*. Em outros termos, queiramos ou não, como sujeitos falantes, somos sujeitos do trinitário¹⁸ [...] Quero dizer que existe uma *trindade natural* imanente ao ato de falar (ibid., p. 16-17). (Grifos do autor)

Dufour (ibid., p. 30) parte da análise do conhecido artigo de Deleuze (1967) – “Como se reconhece o estruturalismo” – para poder falar de uma *dupla cena* do estruturalismo (binário / antibinário) ou, em outras palavras, para afirmar que a *trindade insiste* na binariedade. Nesse artigo, Deleuze apresenta seis critérios para o reconhecimento do estruturalismo.¹⁹ Os cinco primeiros são comandados pela idéia binária. O sexto, a “casa vazia”, é aquele em que Dufour se detém por ver nele a possibilidade de designar o ponto cego no qual vai se romper o movimento estruturalista. Esse sexto critério não é da mesma natureza que os anteriores. Se os cinco primeiros dizem que nenhum pensamento é possível sem a binariedade, o sexto significa que o primeiro objeto das ciências

¹⁶ Busca no próprio Saussure uma abertura para pensar que há uma dimensão de Não-tudo constitutiva do sistema, apoiando sua interpretação na idéia de que, tomando-se os *Anagramas* e o *Curso de Lingüística Geral* como unidade, pode-se falar da língua e de seu reverso. Sob tal ponto de vista, o anagrama não é um mero efeito poético, mas uma propriedade da língua, o que implica admitir o deslizamento como inerente à estrutura.

¹⁷ O modo binário de fazer ciência substitui as clássicas análises causais por um *conjunto de relações diferenciais* (ibid., p. 27). As análises causais medem a influência de um termo sobre o outro, estabelecendo uma hierarquia entre causas e efeitos.

¹⁸ Por trinitário, Dufour entende um conjunto de três termos, irreduzível às relações habituais de dois termos utilizadas pela razão para abrir seus caminhos (2000, p. 16).

¹⁹ Em razão do limite deste trabalho, não vou nomear aqui os cinco primeiros critérios. Para tanto, remeto ao próprio texto de Deleuze (1976) ou a Dufour (2000, p. 30).

humanas, o “homem”, escapa a toda definição binária (ibid., p. 32).²⁰

Pela leitura de Dufour, a “casa vazia” está cheia, ela é de fato uma “caixa preta” em que está aprisionado aquilo que o estruturalismo precisou *recalcar* para se constituir. É tempo de abrir essa “caixa preta”, arrombar o “cofre” do grande movimento intelectual francês para captar aquilo que não entrou no campo da binariedade e que fez falta (ibid., p. 33). Dufour realiza esse arrombamento e encontra enunciados de natureza unária²¹ e trinitária “escondidos” na “caixa preta”.

O autor assinala duas posições dos estruturalistas diante da questão: há os que jamais quiseram ver essa contradição e analisam os sistemas simbólicos, expurgando-os pura e simplesmente daquilo que os embaraça, o Homem (ibid., p. 32). Outros em compensação, reconhecem que *é no lugar mesmo deste problema insuperável que se edificam os discursos e os sistemas simbólicos humanos*, o que equivale a dizer: *os conjuntos simbólicos binários, na medida em que geram um problema não enunciável de maneira binária, estão no lugar do sentido faltoso*. Essa segunda posição, porque desmente a capacidade do Homem de apoderar-se do sentido, está longe do “positivismo freqüentemente atribuído, sem discernimento, ao estruturalismo” (ibid., p. 32).

Benveniste representa essa segunda tendência, uma vez que sua lingüística da enunciação, ainda que tributária do estruturalismo, repousa sobre enunciados unários e trinitários. Em suas célebres formulações sobre a subjetividade na linguagem, incluídas na análise do sistema pronominal, encontram-se elementos indicativos de que se desenvolve aí um pensamento sobre a linguagem que subverte o binarismo.

3 A subversão da lógica binária, Benveniste

Neste item, procuro mostrar que a lingüística da enunciação, instituída que está por um axioma unário, não se configura nos moldes da ordem científica hegemônica, calcada em modelos totalitários que recusam as peculiaridades *perturbadoras e intrusas* do conhecimento tidas como “irracionais”.

Desenvolvo também a idéia de que a definição de língua e de sujeito em Benveniste faz-se por um conjunto de três termos, irre-

²⁰ A “casa vazia” corresponde àquilo que não se inscreve no quadro da binariedade (Dufour, 2000, p. 31).

²¹ No enunciado binário, o predicado é diferente do sujeito. No unário, o predicado retoma exatamente o sujeito da frase (Dufour, 2000, p. 35).

dutíveis uns aos outros, o que também revoluciona a lógica binária que estrutura a ciência da linguagem.

3.1 É “ego” que diz *ego*

A definição fundante da lingüística da enunciação – É “ego” que diz *ego* (Benveniste, 1988, p. 286) – está ligada ao mundo da tautologia, pois o predicado retoma exatamente o sujeito da frase. Eis aí um exemplo do que Dufour chama de enunciado unário, *aquele que de modo geral, dá a escutar uma “zagueira”* (ibid., p. 35), já que falta a ele uma explicação.²²

Esse modo de pensar não-binário é paradoxal. Ele oferece uma explicação perfeita, à qual nada há a acrescentar, que, ao mesmo tempo, é totalmente insuficiente, pois a repetição obscurece-lhe a clareza.

Em lugar da *explicação*, encontramos uma *implicação*, uma dobra do pensamento que nunca deixa de suscitar o espanto e a desorientação: o pensamento parece reservar-se no momento em que se exprime (ibid., p. 38). (Grifos do autor)

O conceito de *dobra* não se enquadra na razão binária. Essa *dobra*, segundo Dufour, é fundamentalmente o lugar de um *insaber*, que nos obriga a *lidar com um certo luto da explicação* (ibid., p. 48).

Para pensar os efeitos da *dobra* no pensamento de Benveniste, “aproprio-me” de observações feitas por Souza (1985), a respeito da ruptura do *campo supostamente estático da linguagem* provocada pelo estilo de Lacan.

Quando Benveniste diz É “ego” que diz *ego*, não dá nenhuma definição conceitual, mas indica uma operação que poderá produzir seus efeitos. Tal enunciado coloca para o leitor um limite, que o obriga a “colocar de si”, a se deixar *trabalhar pelo enigma* e até mesmo a produzir novos. A lingüística da enunciação está fundada numa “lógica mínima”²³ que vai se modular na *vertente do tempo* e

²² A esse respeito, o autor reproduz brevemente a reflexão feita em obra anterior centrada na parte unária dos axiomas fundadores do estruturalismo. Trata-se de *Le bégaiement des maîtres*, publicado em 1987, em Paris, pelas edições François Buron e ainda sem tradução para o português.

²³ Essa “lógica” do unário é a mesma que estrutura “nossos usos cotidianos da linguagem, que repousa em expressões reflexivas geradoras de mal-entendidos, paradoxos, lapsos, raptos no tempo e no espaço relatos envolvidos sobre si mesmos, conscientes ou inconscientes como no sonho [...]” (Dufour, 2000, p. 39).

do espaço, produzindo circuitos e, até mesmo, *curtos-circuitos de significância* (Souza, 1985, p. 21).²⁴

Um saber instituído a partir de um *insaber*, avesso ao entendimento linear, encontra seu ponto de impossível, traz uma verdade não-toda, que é da ordem do Real, e que se manifesta como *resistência*. Trata-se de um saber sempre aberto à emergência de um dizer que pode vir mesmo a desconstruir o dito.

Por não trazer a palavra toda, a lingüística da enunciação implica um compartilhar com o outro. Ou seja, ela se deixa trabalhar pelo sujeito que lê, *fisga, inquieta e provoca* esse leitor, convocado a produzir provas para sustentar um *lugar que balança e só não cai* quando o leitor se encontra em condições de suportar o *non-sense*, o não-compreensível para uma racionalidade científica que precisa recorrer à redução dos fenômenos como forma de garantir rigor e objetividade.

A lingüística benvenistiana coloca-nos, assim, diante de um campo em que o que se diz, não diz o que diz, podendo, inclusive, dizer outra coisa além do que diz. Em suma, o axioma que funda a lingüística da enunciação é equívoco. A *dobra* não produz nenhuma significação acabada, mas é a revelação de uma verdade que *faz furo* e, portanto, convoca o inesperado. Sendo assim, a teoria de Benveniste está longe da idéia de ciência harmoniosa, mito da modernidade, onde a ignorância, a angústia, a inibição ou o sintoma não encontram lugar. Trabalhar com essa teoria é estar confrontado com a “impossibilidade de atribuir um sentido que obture e estabeleça um quadro referencial estático, seguro e dentro das normas dos cânones esperados” (Souza, 1985, p. 30-31).

A lingüística da enunciação repousa também sobre axiomas trinitários (cf. Dufour, 2000). A partir dela, pode-se falar de uma trindade da língua e de uma trindade do sujeito.

3.2 “Eu” não é nem “tu” nem “ele”

É bastante difundida a idéia de que, para estudar a enunciação, Benveniste propõe uma série de dicotomias: separa forma e sentido, língua e discurso, semiótico e semântico, pessoa e não-pessoa, referência à instância de discurso e referência a uma situação objetiva. Se vista dessa maneira, a teoria de Benveniste não escapa do binarismo que estrutura a racionalidade hegemônica.

Com efeito, esse modo de entender as formulações de Benveniste sustenta-se no próprio texto do autor, desde que nos deixemos levar pelas aparências.

Nos artigos em que trata da forma e do sentido na linguagem²⁵ (1989), Benveniste propõe que não se veja o signo saussuriano como princípio único, pois há um outro nível de análise que exige seu próprio aparelho conceitual: o domínio do discurso. Nesses textos, concebe a língua como comportando dois domínios distintos, o semiótico e o semântico, cada um deles exigindo seu próprio aparelho conceptual.

Perguntado a respeito de como o semiótico e o semântico podem coexistir metodologicamente, o próprio Benveniste responde (1989, p. 239) que, no estágio em que se encontram seus estudos, é *altamente vantajoso* avançar por lingüísticas diferentes, deixando para ver depois “como elas podem se juntar e articular” (ibid., p. 240).

Nos textos de 1956²⁶ e 1958²⁷ (1988), Benveniste dedica-se ao estudo dos pronomes, demonstrando que não podem ser considerados como constituindo uma classe homogênea, pois, devido à sua natureza, nem à mesma classe pertencem. Reparte-os, então, em dois grupos: *eu* e *tu* constituem a categoria de pessoa; *ele* é não-pessoa.

Eu é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística *eu*; [...] *tu* é o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística *tu* (1988, p. 279). [...] *ele* predica o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *importa quem não importa o que ser* munido de uma referência objetiva (ibid., p. 282).

A não-pessoa pertence ao semiótico, linguagem enquanto sistema de signos; a categoria de pessoa, ao semântico, linguagem assumida pelo indivíduo e manifesta em instâncias de discurso.

Em todos esses textos, Benveniste parece contrapor *realidade objetiva* (domínio objetivo) X *realidade subjetiva*²⁸ (instância de discurso). A impressão é a de que ele não abre via de comunicação entre o que é da língua e o que é do discurso. Tudo o que se refere à língua/discurso está situado na esfera subjetiva, sob a vigilância

²⁵ “Semiologia da língua” (1969) e “A forma e o sentido na linguagem” (1967).

²⁶ “A natureza dos pronomes”.

²⁷ “Da subjetividade na linguagem”.

²⁸ A que se instaura pela via do sujeito dizendo “eu”.

²⁴ Souza (1985, p. 21) chama de neurótica a leitura apressada em compreender, dar sentido, produzir significações. O excesso de sentido é, de fato, o que caracteriza a neurose nas suas formas clínica e social de manifestação.

de *eu-tu*, e tudo o que se refere à língua-sistema está na esfera não-subjetiva, sob a guarda do *ele* (Bressan, 2003, p. 78).

As aparências, contudo, enganam. Ler Benveniste é perceber que atrás da análise pormenorizada da linguagem, encontra-se um ponto de vista filosófico de interesse amplo. Por se deixar trabalhar pela *dobra*, seu pensamento é vivo e desconcertante, sempre enigmático e aberto à interferência de quem dele se aproxima recusando roteiros de leitura já automatizados. Há que se deixar trabalhar pelo mistério.

Nesse sentido, destaco a interpretação encontrada em Flores (1999), Lichtenberg (2001), Bressan (2003), entre outras, de que a perspectiva de Benveniste modifica-se substancialmente em *Aparelho formal da enunciação* (1989).²⁹ Detendo-se em aspectos muito sutis das formulações do autor, esses leitores observam que, se até 1969 Benveniste investe em dicotomias, o texto de 1970 promove uma ruptura, esboçando um outro modelo de enunciação, em que língua e uso integram-se numa só abordagem e a não-pessoa ingressa no mundo da enunciação.

Mais recentemente, a idéia de que a trindade está desde sempre instalada na teoria benvenistiana vem ganhando corpo,³⁰ impulsionada entre outros fatores, pela instigante leitura feita por Dufour (2000) dos textos de Benveniste que mais interessam à enunciação, aqueles que compõem o conjunto nomeado como “O Homem na Língua”. Esse autor (2000) contraria a interpretação de que Benveniste constitui um modelo de dois termos fundado na oposição estrutural *eu, tu / ele*. Dedicando-se a mostrar que a lingüística da enunciação, além da definição de *eu* por um axioma unário, fornece uma definição negativa do *eu* segundo um conjunto de três termos: *eu não é nem tu, nem ele* (ibid., p. 49). É necessário um conjunto de três para a constituição do um.

Essas observações de Dufour vêm corroborar sua tese de que existe uma *trindade natural* imanente ao ato de falar. Qualquer pessoa que fale, põe em ato uma figura *trinitária* (ibid., p. 17). Essa propriedade trina é *muito banal e muito evidente*. Dela cada ser falante não cessa de fazer a experiência imediata (ibid., p. 16). Para apreender a propriedade trina, basta evocar o espaço mais banal possível: lugar comum de toda espécie falante, a conversação: *eu* diz a *tu* histórias que obtém d'*ele* (ibid., p. 16). Esse dado, ao mesmo tempo trivial e fundamental, determina a condição do ho-

²⁹ O texto, originalmente publicado em 1970, resume e fixa o conjunto de sua teoria, reunindo uma série de conceitos já explicitados em outros textos.

³⁰ Passagens, nos textos anteriores a 1970, mostram que, embora os rótulos se mantinham, as dicotomias já estão desfeitas.

mem na língua. É por essa singular relação de três que *a língua se precipita em discurso* (ibid., p. 72).

Dufour assinala que, depois de haver formulado o conjunto trinitário dos pronomes pessoais, Benveniste cliva sua definição em dois subconjuntos binários: por um lado, analisa a díade formada pelo par *eu* e *tu*; em seguida, opõe *eu* e *tu* a *ele*. A primeira díade é o lugar da relação da comunicação intersubjetiva, mas, para que dois estejam *aqui* e *agora* co-presentes, é necessário que um outro esteja *lá*, ausente (ibid., p. 91), pois nenhum espaço de simbolização é possível sem uma demarcação de ausência (ibid., p. 92). Não se está mais diante de uma díade, mas de uma nova relação, impossível de decompor em relações diádicas: a tríade *eu-tu/ele*. *Ele* designa o que não está *aqui* e *agora* quando *eu* e *tu* falam. Sendo aquele que não está, *ele* se refere, portanto, realmente à ausência, *uma ausência re-presentada no campo da presença* (ibid., p. 107).

Deixando-se trabalhar pelo enigma contido na afirmação de Benveniste de que “*ele*” *pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum*, Dufour encontra aí uma ausência radical, da ordem do irrepresentável. Assim considerada, a teoria benvenistiana deixa ver não apenas uma heterogeneidade re-presentada (*ele* sem barra), mas uma heterogeneidade radical (*ele* barrado)³¹.

Benveniste foi um dos raros a empreender uma descrição sistemática desse singular dispositivo intralingüístico pelo qual a língua é posta em ato: o sistema de pronomes. Seu estudo incide sobre questões concretas e insofismáveis, a respeito das quais levantam-se problemas de base para quem quer que pense sobre a linguagem. Para Normand (1996), a teoria benvenistiana associa a reflexão epistemológica ao detalhe das análises empíricas. Um dos grandes méritos de leituras como a de Dufour é exatamente dar a ver que, sob o estudo do sistema de pronomes, encontram-se colocadas questões de interesse muito amplo.

Os textos de “O homem na língua” fundamentam, através de uma análise lingüística minuciosa, toda uma reflexão sobre o sujeito que hoje tem sido a preocupação fundamental das ciências humanas. Qualquer tipo de análise política, psicanalítica ou semiológica não pode abstrair da noção fundamental de sujeito, intimamente ligada ao conceito de discurso, e Benveniste, ao considerar o processo de instituição subjetiva na linguagem, revela a vocação transdisciplinar da lingüística da enunciação, abrindo-a ao diálogo. Se a lingüística moderna separou vida e ciência, Benveniste veio juntá-las.

³¹ O que está em Authier-Revuz por outra via.

Referências

- BENVENISTE Émile. *Princípios de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- . *Princípios de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BERNÁRDEZ, Enrique. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra, 1995.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BRESSAN, Nílvia Thaís Weigert. *A tríade enunciativa: um estudo sobre a não-pessoa na teoria de Émile Benveniste*. Dissertação de Mestrado orientada por Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- CULIOLI, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys, 1990. t. 1.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FLORES, Valdir. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciación: de la subjetividad en el lenguaje*. Tradução para o espanhol: Gladys Anfora e Emma Gregores. Buenos Aires: Hachette, s.d.
- LICHTENBERG, Sônia. Usos de *todo*: uma abordagem enunciativa. In: BARBISAN, L. B.; FLORES, V. N. (orgs.). Estudos sobre enunciação, texto e discurso. Revista *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 36, n. 4, dez. 2001, p. 147-181.
- NORMAND Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L.; PARLATTO, E. M.; RABELLO, S. (orgs.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.
- PAVEL, Thomas. *A miragem linguística: ensaio sobre a modernização intelectual*. Campinas: Pontes, 1990.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.
- SCHNITMAN, Dora Fried. Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In: ———. (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 9-21.
- SOUZA, Alduísio M. *Uma leitura introdutória a Lacan (exegese de um estilo)*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.